

## PREFÁCIO

**E. Roquette-Pinto**

No ano 2000, quando os nossos melhores romances já não tiverem mais leitores, alguns estudiosos subirão as escadas das bibliotecas para folhear *O Sertão Carioca*. É o destino das coisas que nascem para durar sempre. É a sorte dos bons documentos.

Magalhães Corrêa, depois das grandes láureas acadêmicas – medalha de ouro, viagem à Europa, prêmio na Argentina... –, encontrou-se, no Museu Nacional, em ambiente de exaltado amor ao estudo da nossa natureza, e, pouco a pouco, sem prejuízo do seu talento de escultor, foi consagrando os seus domingos à crônica viva e objetiva de toda a existência da cidade do monte e do mar, nossa terra natal, no que tem de mais característico e primitivo.

O cronista não lembra o padre Perereca, nem Melo Moraes, nem o meu querido mestre Vieira Fazenda. Todos eles foram, principalmente, compiladores eruditos.

O livro de Magalhães Corrêa antes recorda os anotadores primevos; tudo aqui é visto, ouvido e desenhado *ad naturam*. O autor vive no *Sertão Carioca*. O volume é o seu caderno de notas diretas; e nele agitam-se os “sertanejos” da Capital da República. Traços da geologia, feições geográficas, dados históricos e anedóticos, subsídios estatísticos, informações botânicas, zoológicas, antropológicas e etnográficas – tudo que retrata “o campo” da Guanabara, que ainda guarda, de longe em longe, uma lembrança dos tamoios. A duas horas do Palácio Monroe, ainda hoje se faz farinha de mandioca, no “sertão de Guaratiba”, empregando o tipiti, igualmente aos que em 1500 serviam para espremer a massa da mani. Quer, porventura, isso dizer que a nossa terra ficou ancorada no atraso daquele século? Nunca. O tipiti é companheiro da

luz elétrica, do rádio, do automóvel... A sobrevivência prova, apenas, que a cidade de maravilha tem sabido crescer e dominar, sem renegar a sua origem. O barão do Rio Branco, que também era carioca, escrevia na *Grande Encyclopédie*; era, nos centros cultos da Europa, recebido entre carinhos e deferências, mas nem por isso abandonava jamais o seu cigarro de palha de milho crioulo...

O livro de Magalhães Corrêa prova mais; documenta e vulgariza, no interesse dos turistas, a existência de uma admirável, antes maravilhosa, rede de estradas estupendas, que o prefeito Prado Júnior, no governo Washington Luís, recompôs, desenvolveu e sistematizou de maneira realmente notável. O autor, muitas vezes, faz crítica impiedosa do que lhe parece mau, na administração pública. Mas também faz sempre justiça a todos os que têm sabido cuidar do nosso torrão, desde os antigos até o governo Getúlio Vargas.

A monografia dos nossos mananciais e reservatórios d'água – joias naturais do Rio –, contida neste livro, é outro ponto das suas excelências.

O pitoresco com que o artista soube descrever os diferentes e individualizados tipos profissionais do Sertão Carioca faz perdoar o desleixo do estilo. Direi mais; a maneira simples, desataviada, apressada, descuidada mesmo, com que Magalhães Corrêa foi traçando as suas notas, deu ao volume um sabor de fruta agreste, colhida na árvore, ainda quente do sol.